

*O Integralismo e a Política Regional em Santa Catarina**

JOÃO HENRIQUE ZANELATTO
Universidade do Extremo Sul Catarinense

Resumo: Criado em 1932 por Plínio Salgado a Ação Integralista Brasileira rapidamente expandiu-se para todo o Brasil. Em Santa Catarina começou a ser organizado em 1934, seu crescimento deu-se principalmente nas regiões com maior concentração de imigrantes alemães e italianos e seus descendentes. Esse artigo busca fazer uma comparação sobre o processo de organização e expansão da Ação Integralista Brasileira em Santa Catarina na década de 1930, em especial as regiões do Vale do Itajaí e o Sul Catarinense. O contexto de surgimento da Ação Integralista Brasileira no Vale do Itajaí deu-se em um cenário sócio-político muito diferente do Sul Catarinense. As mudanças na política regional no pós-30 foram decisivas para a maior ou menor popularidade do Integralismo nestas regiões.

Palavras-chave: Integralismo; Política regional; Santa Catarina.

Abstract: Founded in 1932 by Plinio Salgado the action Brazilian integralist quickly expanded for all Brazil. In Santa Catarina that's was started to be organized in 1934. Their growth was mainly in regions with major concentration of german and italian immigrants and their descendants. This article seeks to do a comparison about the process of organization and expansion of action Brazilian AIB from Santa Catarina. The context of the emergence of the AIB in the 30's special de regions of Vale do Itajaí and the south of Santa Catarina. The context of emergence of AIB in Vale do Itajaí was in a social-politic atmosphere so different than in south of Santa Catarina. The changes in regional politics post 30's were decisive for the greater or lesser popularity of integralism in these regions.

Keywords: Integralism; Regional politics; Santa Catarina.

O integralismo começou a ser organizado em Santa Catarina a partir de 1934. Seu crescimento ocorreu rapidamente, em especial nas zonas de colonização alemã e italiana no Vale do Itajaí e norte do estado, tornando-se uma das principais alternativas de oposição frente aos grupos políticos que estavam no poder do estado. Quanto ao Sul Catarinense, observa-se que a difusão do integralismo ocorreu não só entre os imigrantes e descendentes de italianos e alemães, mas também entre os luso-brasileiros aqui estabelecidos muito antes da chegada dos imigrantes europeus.¹

O crescimento do integralismo ocorreu dentro de um cenário de disputas e tramas ocorridas pelo espaço e pelo poder no pós-30 na política tanto no âmbito regional quanto no local. No âmbito regional, os imigrantes alemães e italianos e seus descendentes do Vale do Itajaí vivenciaram uma série de enfrentamentos que denunciavam o jogo do poder. No âmbito local, os enfrentamentos e as disputas pelo poder se deram no sul catarinense entre os imigrantes e os descendentes versus luso-brasileiros. Para além da ação político-partidária, a formação dos grupos dirigentes não se pode esquecer a dinâmica econômica e cultural específicas de cada região ou localidade.

Quando se faz um levantamento das principais obras produzidas sobre o integralismo no estado percebe-se que os estudos estão centrados basicamente em duas regiões: o Vale do Itajaí e o Norte.² O Sul Catarinense não aparece nessas obras ou aparece marginalmente. Entretanto, quando se observa o resultado das eleições municipais em 1936, percebe-se que no Sul Catarinense os integralistas obtiveram um desempenho significativo elegendo doze vereadores. Esse dado torna-se relevante quando comparado às outras regiões do estado como o Planalto Serrano, o Oeste e a Capital, onde a AIB não obteve um bom desempenho. Compara-se também ao Rio Grande do Sul, que mesmo com a grande organização da AIB na região colonial só conseguiu eleger dois vereadores, um em Novo Hamburgo e outro em Caxias do Sul. Essas eleições demonstraram que no Sul Catarinense estava concentrado um contingente significativo de simpatizantes e militantes da AIB.³ No entanto, o Sul Catarinense apresenta diferenças significativas quando comparado ao Vale do Itajaí e Norte do estado, regiões onde integralistas obtiveram um melhor desempenho nas eleições.

Esse artigo fundamentou-se na renovada história política. A renovação pode ser observada em diversos aspectos, os temas tradicionais: os

partidos, eleições, guerras ou biografias, foram trabalhados em uma nova perspectiva, opinião pública, mídia ou discurso foi incorporado como novos objetos de análise; o contato com outras disciplinas como a Sociologia, a Antropologia e a Linguística, contribuíram para a produção de trabalhos sobre a sociabilidade, análise de discurso, ideologias, “mentalidades coletivas” e a cultura política. Assim, observa-se que a renovação da História Política passou pela interdisciplinaridade. Acrescenta-se a isso que a Nova História Política preencheu os requisitos necessários para sua reabilitação. “Ao se ocupar com o estudo da participação na vida política e dos processos eleitorais, integra todos os atores, mesmo os mais modestos, perdendo assim seu caráter elitista e individualista e elegendo as massas como seu objeto central” (RÉMOND, 2003, p. 7).

Na década de 1990, Jean-François Sirinelli percebeu, na emergência da Nova História Cultural, o ressurgimento da História Política. A aproximação da cultura com a História Política possibilitaram a incorporação por esta última de novos objetos e recortes: são perspectivas de abordagens ligadas ao imaginário social e à representação. Segundo Sirinelli, a política vista a partir do universo cultural contribuiu para um maior entendimento da complexidade das relações sociais (SIRINELLI, 1997).

Uma outra dimensão ocorrida na esteira desta renovação estava ligada à noção de paixão usada recentemente por Pierre Ansart, ao trabalhar com afetividade política, do amor e do ódio, das emoções e dos sentimentos, que acompanham a vida política. Dos momentos de angústia e revolta ou de simpatia e afeição (ANSART, 1997. SEIXAS, 2002). Esse processo de renovação e valorização da História Política refletiu-se também em trabalhos de âmbito regional. As análises sobre integralismo em âmbito regional apontaram para várias peculiaridades e singularidades.

Assim, neste artigo pretende-se fazer uma breve comparação do processo de organização, expansão e popularidade da Ação Integralista Brasileira no Vale do Itajaí com o Sul Catarinense. Neste sentido se abordam as mudanças ocorridas na política em âmbito estadual no pós-1930. Procura-se demonstrar que enquanto as mudanças na política chegaram negativamente para as populações de imigrantes e descendentes de alemães e italianos do Vale do Itajaí, contraditoriamente no Sul Catarinense as mudanças do pós-30 chegaram positivadas para os imigrantes e descendentes. Essas mudanças influenciaram decisivamente na maior ou menor popularidade do integralismo nestas regiões.

No que tange à política regional antes de 1930 faz-se uma rápida digressão no sentido de tornar inteligível o cenário sociopolítico delineado no pós-30. A instalação do regime republicano em Santa Catarina culmina com a ascensão ao poder público estadual de uma nova leva de políticos que, sob a legenda do Partido Republicano, passaram a controlar os rumos da administração pública durante toda a Primeira República. A ruptura entre esses políticos e o Partido Republicano só viria acontecer, de fato, no início dos anos 1920, com a fundação, por Nereu Ramos, da Reação Republicana, em 1921, e, posteriormente, o Partido Liberal Catarinense, em 1927, atingindo seu ponto com a Aliança Liberal, em 1929 (CORREA, 1984; PIAZZA, 1984).

Durante quase toda a Primeira República, o Partido Republicano e a política catarinense giram em torno dos nomes de Lauro Severino Müller e Hercílio Pedro da Luz. Lauro Muller, republicano histórico, foi o primeiro governador do estado, indicado por Deodoro da Fonseca, voltando a assumir a chefia do Executivo Catarinense por mais duas vezes, em 1902 e 1918. Contudo, “a soma dos períodos em que efetivamente esteve no cargo, nestes três mandatos não completou quatro meses” (CORREA, 1984, p. 18), pois veio a assumir por duas vezes o Ministério da Viação e do Exterior nos governos dos presidentes Rodrigues Alves, Hermes da Fonseca e Wenceslau Braz, além de ocupar o legislativo como deputado federal e senador. Hercílio Luz, também republicano, governara o estado por três vezes, eleito em 1894; vice de Lauro Muller em 1918, e novamente conduzido ao cargo em 1922. “Senador por três legislaturas e deputado federal em 1900” (CORREA, 1984, p. 19).

A morte de Hercílio Luz, em 1924, e de Lauro Müller, em 1926, abriu um espaço para as novas lideranças que já vinham se configurando há algum tempo. Do Vale do Itajaí, a família Konder, e, de Lages, os Ramos. Os Konder assumiram a direção do partido em 1924 e chegaram ao governo estadual, com Adolpho Konder em 1926. “Os irmãos Konder dominaram o cenário político do Norte do estado e controlaram o Partido Republicano e o Governo de Santa Catarina até a Revolução de 1930”. (CORREA, 1984, p. 34).

Os Ramos, juntamente com Henrique Rupp Junior, fundaram a Aliança Liberal, em 1929, ligada ao grupo gaúcho de Vargas, provocando definitivamente a ruptura no Partido Republicano Catarinense, deflagrando um conflito entre as famílias. Nas eleições de 1930, Adolpho Konder fez seu

sucessor, elegendo Fúlvio Aducci. O governo de Fúlvio Aducci durou apenas vinte e sete dias, pois foi deposto pela Revolução de 1930.⁴

Entretanto, antes da Revolução de 30, durante a campanha eleitoral para Presidente da República (que escolheria também os senadores e os deputados federais do estado), o governo estadual catarinense sendo dirigido pelo republicano Adolpho Konder, apoiou a candidatura de Júlio Prestes, e os Ramos da Aliança Liberal apoiaram Getúlio Vargas.

Mesmo com toda máquina governamental e a pressão sobre os eleitores, principalmente no interior, a Aliança Liberal conseguiu eleger seus candidatos ao senado Henrique Raupp Junior e à Câmara Federal Nereu Ramos. Quanto ao resultado das eleições presidenciais, o candidato Júlio Prestes, apoiado pelo governo do estado, foi vitorioso. A maioria dos governos estaduais deu apoio ao “candidato oficial” Júlio Prestes. “Os resultados eleitorais apresentaram, nos Estados, claras vitórias para os candidatos apoiados pelos respectivos governos estaduais” (GERTZ, 1987, p. 174).

No entanto, em Joinville e Blumenau, por exemplo, o candidato Getúlio Vargas obteve 50% dos votos. A partir desse resultado, é possível inferir que mesmo antes do surgimento do integralismo, já estava se configurando nas regiões de imigração, principalmente nas “colônias alemãs” de Santa Catarina, um potencial opositor bem mais elevado se comparado com outros municípios do estado. Esse fato pode ser entendido como um embrião do surgimento de novos atores no cenário da política catarinense e que posteriormente o integralismo se constituiria na voz desses novos atores.

O resultado das eleições de 1930 demonstrou, em primeiro lugar, que os Konder não conseguiam mais exercer o tão propalado controle sobre as populações das “colônias alemãs”. Fica inteligível a existência de “uma clivagem política bastante nítida entre a camada superior tradicional e as demais camadas inferiores”. (GERTZ, 1987, p. 175) São novos atores emergindo no cenário político catarinense, e o Integralismo será tomado mais tarde como canal de expressão dessas camadas da população. Em segundo lugar, os Ramos que vinham se configurando na oposição no estado desde o início dos anos de 1920 e que lideraram a campanha de Vargas não representavam esses novos atores, pois deles emanaram durante praticamente toda a primeira república discursos “nativistas”, e, posteriormente, quando

ascenderam ao poder estadual no pós-30, iniciaram uma indistinta campanha de hostilidade contra as “colônias alemãs”.

A assertiva exposta acima evidencia que o poder político em Santa Catarina, quando acontece a Revolução de 1930, vinha sendo disputado por duas forças políticas e econômicas distintas, e muito bem estruturadas. De um lado, estavam os Ramos, representantes do Planalto Catarinense, onde predominava o latifúndio, que eram a oposição ao governo estadual. Do outro lado, estavam os Konder, representantes do Vale do Itajaí e Norte do estado, onde predominavam os imigrantes e descendentes de origem alemã e italiana, que desenvolviam a agricultura com base na pequena propriedade e na indústria. Eles controlavam o Partido Republicano Catarinense desde o último mandato de Hercílio Luz. A “Revolução de 30 surge em Santa Catarina como uma inversão de grupos políticos no comando do estado, transformando um controle político que perdurara por boa parte da última década” (BITENCOURT, 2002, p. 35-36). Percebe-se nessa inversão, “os delineamentos de uma étnico-geografia do poder político estadual catarinense” (BITENCOURT, 2002, p. 36).

Tensões no Vale do Itajaí Abrem Caminho Para o Crescimento da AIB

As mudanças no pós-30 chegaram negativamente para os imigrantes alemães e italianos e seus descendentes do Vale do Itajaí. Exemplo disso foi o desmembramento do município de Blumenau, provocando uma série de protestos violentos na cidade. Aristiliano Ramos, interventor estadual em fevereiro de 1934, decretou o desmembramento de Blumenau, emancipando os distritos de Hamônia, Gaspar, Indaial e Timbó. Com o desmembramento o território de Blumenau, que contara em 1930 com 10.375km, foi reduzido para 1.650 km. A ação do interventor estadual provocou um movimento de repúdio em Blumenau. O comércio e a indústria local fecharam as suas portas em sinal de protesto e foram realizadas passeatas e comícios sob o slogan “Por Blumenau Unido”. Durante mais de uma semana a cidade parecia uma verdadeira praça de guerra. “Houve preparativos para ação armada. Controlaram-se os estoques de combustíveis e de mantimentos, puseram-se guardas nas estradas da cidade” (SILVA, 1972, p. 209). Entre os organizadores deste movimento estavam diversos representantes da elite

comercial e industrial, assim como alguns da classe média de Blumenau (FROTSCHER, 2003, p. 52). Na tentativa de negociar com o governo foi enviada a Florianópolis uma comissão que não foi recebida pelo interventor. Já o governo envia uma seção da polícia militar, armada inclusive com metralhadoras, para ocupar Blumenau. Nos setores palacianos esse movimento era propagandeado, como consequência do "movimento hitlerista".⁵

Neste período, em meio a lutas político-partidárias foram construídas certas representações sobre as diferentes regiões do estado. Em um discurso proferido em Lages em 1934, Aristiliano Ramos teceu duras críticas à imigração estrangeira e ao favorecimento político de certas regiões do estado, apresentando-se à população local como aquele que mudaria a situação. Sobre esse discurso o Consul Alemão, Dittmar, em Florianópolis, atribuiu a Aristiliano as seguintes palavras:

Cidadãos de Santa Catarina! Se sois meus amigos ou meus adversários, numa coisa não podereis negar: se eu e meus amigos tivéssemos estado no poder nos últimos decênios não teria acontecido a entrega das mais férteis áreas litorâneas aos estrangeiros e vocês saberiam hoje onde colocar seus pés, para sair da miséria, em que vocês se encontram (GERTZ, 1987, p. 67).

Os grupos que estavam no comando do governo de Santa Catarina, até 1930, permitiam o estabelecimento de imigrantes alemães no Vale do Itajaí, e estendendo-se até 1932. Com a ascensão de Aristiliano Ramos ao governo estadual, pelo menos em nível de discurso, estas iniciativas não eram mais permitidas, se considerarmos as duras críticas que fez ao estabelecimento de imigrantes nas regiões entre o litoral e o planalto e também em função da própria constituição de 1934, que passou a restringir a entrada de imigrantes estrangeiros no país.

O interventor Aristiliano Ramos, para justificar o desmembramento de Blumenau, junto ao governo federal, argumentava estar fazendo "um investimento no sentido de nacionalizar a zona colonial alemã, como também tornar mais rápida, barata e fácil à justiça, facilitando ainda o contato da população não integrada no espírito nacional com as autoridades brasileiras" (FROTSCHER, 2003, p. 51). Por outro lado, essas medidas tomadas pela interventoria foram interpretadas

por muitas pessoas em Blumenau como uma tentativa de enfraquecer o *Deutschtum* (Germanidade) no estado. Bruno Meckien, diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática, com sede em Hamônia “representou o desmembramento de Blumenau como um ato visando à nacionalização, caracterizando o governo de Aristiliano como ‘puramente nativista’” (FROTSCHER, 2003, p. 51).

Os desdobramentos da política regional no pós-30, com a nomeação dos interventores, inicialmente gaúchos (Ptolomeu Assis Brasil e Rui Zobarán), e posteriormente a ascensão dos Ramos (Aristiliano e Nereu), que até 1930 representavam a oposição na política estadual; o alijamento do comando da política no estado dos grupos vinculados ao Partido Republicano Catarinense, representado pelos Konder do Vale do Itajaí e que perderam os principais cargos no governo, nas prefeituras e cargos municipais; as práticas autoritárias dos interventores, como por exemplo, a indicação dos prefeitos (em Blumenau foram seis até 1936); e o desmembramento de Blumenau, contribuiu significativamente para o fortalecimento e ampliação de um potencial oposicionista (que já vinha se configurando desde o movimento de 1930) constituído principalmente por imigrantes alemães, italianos e seus descendentes, que não viam mais nas tradicionais elites políticas uma possibilidade de representação, e desta forma tomaram o Integralismo como o canal de sua expressão.

Foi neste contexto que o Integralismo veio constituir-se como uma referência em termos de alternativas aos partidos organizados no estado no pós-30. O Partido Republicano Catarinense, Partido Liberal Catarinense, a Legião Republicana, organizados pelas mesmas elites políticas que haviam dominado o cenário político catarinense até 1930 permaneciam com as mesmas práticas, sem possibilitar a participação de outros setores da sociedade na política estadual.

Ao contrário, o Integralismo abria a possibilidade para a participação de todos os interessados em colocar suas energias à causa da AIB, não importando a origem ou o status socioeconômicos de seus adeptos. Para suas fileiras arregimentava indivíduos provenientes dos setores médios cujas aspirações políticas não encontravam respostas nem espaço nos partidos organizados no estado no pós-30.⁶ Ademais a AIB, representou um canal de expressão para um segmento social em franca expansão numérica e econômica, fruto das mudanças que vinham

ocorrendo no país ao longo das décadas de 1920 e 1930. Conforme Héglio Trindade:

as classes média no Brasil desta época, encontravam-se geralmente em rápida ascensão social e a procura de uma posição de poder na sociedade. Entretanto, sua vontade de ascender socialmente era bloqueada pela ausência de um projeto político capaz de as libertar do controle das classes dominantes tradicionais (TRINDADE, 1974, p. 148).

Em Santa Catarina, os setores médios em franca expansão não encontravam espaço nem voz nos partidos regionais organizados no pós-30. Politicamente ostracizados, vislumbraram na AIB a possibilidade de interferir e participar na política local e estadual. O discurso integralista contrário às elites regionais e contestador do sistema partidário republicano, encontrou grande receptividade entre os setores médios de imigrantes alemães, italianos e seus descendentes no estado, principalmente os estabelecidos no Vale do Itajaí, que na perspectiva de ascensão social, procuravam na AIB um espaço político para sua expressão. Um exemplo desta receptividade que a AIB vai encontrar entre os setores médios no estado são as nominatas de candidatos integralistas para as eleições da Câmara Federal e Assembléia Constituinte Estadual de 1934. Faziam parte destas nominatas: comerciantes, funcionários públicos, farmacêuticos, médicos, advogado, cirurgião dentista, auditor, litógrafo e agrimensor. Isso fica ainda mais inteligível quando se observa sobretudo, a nominata de candidatos a prefeito e vereadores para as eleições de 1936 (CORREA, 1994, p. 175; GERTZ, 1987, p. 199).

Os historiadores Luis Felipe Falcão (2000) e René Gertz (1987), ao buscarem explicações para a grande popularidade do Integralismo em Santa Catarina, traçaram um perfil dos integralistas catarinenses.⁷ Falcão apresentou três grupos: o primeiro formado por funcionários públicos militares ou civis e profissionais liberais, que provinham de famílias conhecidas, gozaram de estabilidade financeira, estando entre a meia idade e a velhice, e se achavam desiludidos com os destinos do país no pós-1930. Muitos deles ocuparam os principais cargos na estrutura estadual da AIB. No segundo grupo, estavam os pequenos proprietários e funcionários públicos com funções não tão lucrativas quanto os primeiros descendentes de imigrantes alemães e italianos, com idade entre 20 e 30 anos, desiludidos também com os rumos

da política do país no pós-1930, influenciados pelos fascismos europeus e receosos com o avanço comunista.

O terceiro perfil integralista, e mais numeroso, encontrava-se entre os pequenos proprietários urbanos e rurais, descendentes de imigrantes alemães, italianos, poloneses ou de outras origens, estabelecidos principalmente no Vale do Itajaí e no nordeste e sul do estado. Esses pequenos proprietários possuíam muito mais pontos em comum do que diferenças. Isso porque as cidades eram pequenas, havia uma intensa relação comercial entre campo e cidade, e as formas de organização comunitária: igreja, escola, sociedades de atiradores, os salões de baile, reforçavam “a sensação de uma comunidade de interesses, pautada numa identidade de origem, num estilo de vida semelhante, e em aspirações e sonhos coincidentes” (FALCÃO, 2000, p. 130). Cabe explicar que essa identidade de origem pode ser questionada quando observada a procedência dos imigrantes em termos de lugar e época, evidenciando uma diferenciação econômica, política e social, que avançava a passos largos. Acrescentam-se ainda as profundas diferenças no processo de colonização de Santa Catarina, as estruturas de poder em regiões como o Vale do Itajaí e do Sul do estado eram muito diferentes.

Para Gertz, “o integralista típico de Santa Catarina é uma pessoa jovem entre 30 e 40 anos em processo de ascensão social” (GERTZ, 1987, p. 197). Fundamenta seu argumento ao analisar o processo de crescimento industrial no estado, especialmente nas zonas de colonização. Aponta para uma relação de candidatos integralistas às eleições municipais de 1936 e seus opositores bem como os grupos ou as forças que os apoiavam. Destaca as funções e atividades econômicas que exerciam os respectivos candidatos. Assim, além da “característica etária, pode-se constatar uma clara assimetria socioeconômica entre integralistas e seus adversários. O cerne do Integralismo era constituído de elementos das classes médias e operárias, enquanto a liderança dos seus opositores era exercida pelos elementos economicamente dominantes” (GERTZ, 1987, p. 198).

Entende-se que para os dois autores o grande número de adeptos do integralismo são provenientes de um mesmo perfil, pois se para Gertz “o cerne do Integralismo era constituído de elementos das classes médias e operárias” (GERTZ, 1987, p. 1987), em Falcão o perfil da maioria dos integralistas se enquadra entre “os pequenos proprietários urbanos e rurais de descendência alemã, italiana, polonesa e outras procedências” (FALCÃO, 2000, p. 129-130).

Vê-se que os segmentos sociais médios que aderiam à AIB apresentavam uma especificidade própria se comparada às forças políticas que se organizavam no pós-30. Tanto na situação como na oposição estavam os antigos chefes que comandaram a política regional até 1930. Todos, o Partido Liberal Catarinense, Partido Republicano Catarinense e União Republicana representavam as forças tradicionais que juntos dominaram a política estadual durante a Primeira República.

A AIB apresentava-se como um “novo” na política partidária suas propostas e princípios se diferenciavam da prática dos antigos partidos. Aparecia como uma alternativa de participação política para um segmento social em expansão que se considerava marginalizado e descrente com a política regional e local. O Integralismo apresentava um discurso diferenciado, opondo-se aos pressupostos ideológicos dos partidos regionais. Oferecia um novo projeto político-social, possibilitando a participação desse potencial opositor que vinha se configurando em Santa Catarina, principalmente nas regiões de colonização européia, sobretudo entre os imigrantes alemães, italianos e seus descendentes do Vale do Itajaí. Esse novo segmento social tomou a AIB como um instrumento para poder participar e definir os rumos da política regional e local.

Imigrantes e descendentes do Sul Catarinense Frente às Mudanças do Pós- 1930

Como foram observadas, as mudanças ocorridas na política estadual, também em âmbito nacional no pós-30 atingiram as populações de descendentes de imigrantes estabelecidos no Vale do Itajaí. Já no Sul Catarinense foi possível constatar que essas mudanças chegaram positivadas para os descendentes de imigrantes. Para compreender esse processo faz-se uma rápida digressão do contexto de ocupação da região pelos imigrantes europeus e sua inserção na política e economia locais.

Quando do processo de imigração européia para o Sul Catarinense a partir de 1876, já havia na região três municípios bem estruturados: Laguna, Tubarão e Araranguá, esses dois últimos emancipados em 1870.⁸ Laguna neste contexto era uma das principais cidades do estado. Fundada no século XVII, esta povoação fazia parte das bases para a conquista portuguesa no

Sul, que tinha o objetivo de fixar-se na Bacia do Prata. Sua população era composta majoritariamente por descendentes de africanos, índios e luso-brasileiros. A importância da Laguna desde o século XVII se dava em função da existência do porto no qual os navegadores europeus faziam “estações de aguada”, de suas embarcações e posteriormente seguiam viagem para o Rio do Prata ou para o Pacífico através do Estreito de Magalhães. (PIAZZA, 1994; CABRAL, 1987; SANTOS, 1998)

Durante a Primeira República Laguna ainda despontava como uma das principais cidades de Santa Catarina, devido às suas atividades portuárias. Pelo porto de Laguna transportava-se toda a produção da região destinada aos mercados de São Paulo e Rio de Janeiro e recebia desses centros os produtos manufaturados. Além de mercadorias o transporte de passageiros era feito também pelo porto. Pode-se afirmar que neste período Laguna era a cidade pólo no Sul Catarinense. Através dela circulavam os mais variados tipos de mercadorias e de pessoas que iam desde o recebimento dos imigrantes recém chegados aos já estabelecidos na colônia como também os tropeiros vindos do planalto e os carreteiros do Vale do Araranguá (SERPA, 1995; DALL’ALBA, 1987; GOULART FILHO, 2002).

Depois de Laguna, Araranguá constituía-se na cidade mais importante do sul catarinense. Já em 1845 é elevada à categoria de freguesia, tendo sua emancipação político-administrativa em 1870, com uma área territorial que se estendia desde o Rio Urussanga até o Rio Mampituba, fazendo fronteira com o Rio Grande do Sul e ao Oeste até a Serra do Mar. Sua população nesta época contava com 10.700 habitantes, na sua maioria descendentes de africanos, lusos, açorianos e também algumas famílias de alemães procedentes dos núcleos coloniais de Três Forquilhas do Rio Grande do Sul e São Pedro de Alcântara (HOBOLD, 2005).

A ocupação do Vale do Araranguá com um maior número de imigrantes europeus vai ocorrendo a partir de 1880, com a criação dos núcleos coloniais de Nova Veneza, Criciúma, e posteriormente Turvo, Meleiro e Jacinto Machado. No Vale do Araranguá foram assentados imigrantes de diversas etnias, principalmente italianos, alemães e poloneses.

Juntamente com Laguna e Araranguá, Tubarão era também uma das cidades mais importantes do Sul Catarinense. Inicialmente através de seu rio os imigrantes se dirigiam aos núcleos coloniais e por ele escoavam

seus produtos. Com um vasto território, o município de Tubarão abrangia toda a colônia Grão-Pará criada no final de século XIX pelo Conde D'Eu e a Princesa Isabel. O território desta colônia cobria os atuais municípios de Orleans, Grão-Pará, Rio Fortuna, Santa Rosa, parte de Armazém, Braço do Norte, São Ludgero e Lauro Muller. Nesta colônia inicialmente foram assentados os nacionais e posteriormente italianos, alemães, franceses, poloneses, letos (russos) (DALL'ALBA, 1973; ZUMBLICK, 1974; VETTORETTI, 2001).

Estavam vinculados também ao município de Tubarão os núcleos coloniais de Treze de Maio, Azambuja e Urussanga. Desta forma Tubarão constituía-se no centro administrativo desses núcleos coloniais e juntamente com Laguna no pólo comercial. Além disso, muito antes da chegada dos imigrantes europeus, os comerciantes de Tubarão negociavam com os tropeiros da região Serrana.

Além de Tubarão, Laguna e Araranguá, outros três municípios foram organizados na região durante a Primeira República: Imbituba, Imaruí e Jaguaruna, situados no litoral e habitados principalmente por lusos e açorianos. Nestes três municípios a AIB foi organizada na década de 30, sendo que o município de Imaruí elegeu três vereadores nas eleições municipais de 1936. É importante ressaltar que quando ocorreu esta eleição, só havia três núcleos coloniais emancipados na região: Urussanga (1900), Orleans (1913) e Criciúma (1925).

Vê-se que durante toda a Primeira República e na década de 1930 havia um domínio político e econômico no Sul Catarinense das cidades de Laguna, Tubarão e Araranguá. Do ponto de vista político, as famílias que detinham o poder na região não eram os descendentes de imigrantes europeus e sim, os lusos e açorianos. Na historiografia são citadas com frequência as famílias Pinho e Ulyssea em Laguna, os Colaços em Tubarão e Fernandes em Araranguá,⁹ diferenciando-se do Vale do Itajaí onde os imigrantes alemães e italianos e seus descendentes, já na Primeira República, conseguiram ter um domínio econômico e político em âmbito local e regional. Nessa região estava uma das maiores cidades do estado: Blumenau.¹⁰ No Sul Catarinense as mudanças no cenário político, econômico e social começam a ocorrer a partir da década de 1920 com a exploração do carvão.¹¹ O carvão provocou a vinda de vários empresários (Henrique Lage) que se associam a alguns imigrantes. É neste contexto que algumas áreas de

imigração (Criciúma e Urussanga) começam a despontar (ZUMBLICK, 1987; TEIXEIRA, 1996; GOULART FILHO, 2002).

Enquanto no Vale do Itajaí no pós-30, tanto o governo estadual, como o federal impuseram um forte controle político, econômico e das práticas culturais dos descendentes de imigrantes via nacionalização,¹² no Sul Catarinense vai se delinear um processo de ascensão dos imigrantes. Do ponto de vista político, por exemplo, foram indicados para as superintendências municipais descendentes de imigrantes mesmo nas cidades com predomínio de lusos brasileiros como Laguna e Jaguaruna (CÔRREA, 1984). Além disso dos vinte e sete deputados estaduais eleitos em 1935, nove tinham sua base no Sul Catarinense. Desses nove, dois eram descendentes de imigrantes, sendo a região com a maior bancada de representantes na Assembléia Legislativa (CABRAL, 1974; PIAZZA, 1987). No aspecto econômico, observa-se a presença do governo federal na região, basta dizer que em 1931 foi emitido um decreto tornando obrigatório o consumo de 10% do carvão nacional e em 1937 a cota seria elevada para 20%.¹³ A exploração do carvão provocou a expansão de ramais da Estrada de Ferro Tereza Cristina para toda região, promoveu o reaparelhamento do porto de Imbituba, feitos com investimentos estatais além da construção do Lavador de Capivari responsável pelo beneficiamento do carvão para a Companhia Nacional de Volta Redonda – CSN (GOULARTI FILHO, 2002, p. 88).

Foi neste contexto de ascensão política e econômica do Sul Catarinense no pós-30 que a AIB se configuraria na região, um cenário muito mais favorável ao governo (Partido Liberal Catarinense), do que para o florescimento de uma oposição. Mesmo assim a AIB se expandiu rapidamente por todo Sul Catarinense, constituindo a partir de 1934 e 1935 núcleos e subnúcleos em todos os municípios, e nas eleições municipais de 1936 os integralistas disputaram com candidatos para prefeito e vereadores, elegendo doze vereadores em quatro municípios.¹⁴

Assim, nessa breve comparação do processo de expansão do Integralismo nestas duas regiões procurou-se demonstrar que o contexto do surgimento do integralismo no Sul Catarinense se deu em um cenário político econômico e social, muito diferente do Vale do Itajaí. Evidenciou-se que as mudanças na política regional no pós-30 influenciaram decisivamente na maior ou menor popularidade da AIB nestas regiões. Certamente outras diferenças e peculiaridades entre essas

duas regiões podem ser encontradas e contribuiriam para explicar a popularidade do Integralismo no estado. Mas isso exige outro escrito.

Referências

- ANSART, Pierre. *Lês Cliniciens des passions politiques*. Paris: Senil, 1997.
- BALDIN, Nelma. *Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil: os venetos em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, ed, da UFSC, 1999.
- BRANDALISE, Carla. *O Fascismo na Periferia Latino-Americana: O paradoxo da implantação do integralismo no Rio Grande do Sul*. UFRGS, Porto Alegre, 1992. Dissertação de Mestrado em Ciência Política.
- BITENCOURT, João Batista. *Estado novo, cidade velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. Porto Alegre, 2002. Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Tese Doutorado).
- CABRAL, Oswaldo R. *Breve Notícia Sobre o Poder Legislativo de Santa Catarina: Suas Legislaturas e Legisladores-1835 a 1974*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1974
- CABRAL Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. 3.ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987.
- CAMPOS, Cynthia Machado. *A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil*. Campinas, 1998. Tese de doutorado em história.
- CORREA, Carlos Humberto. *Um Estado Entre Duas Repúblicas: a revolução de 30 e a política de santa Catarina até 35*. Florianópolis: ed. Da UFSC, 1994.
- DALL' ALBA, João Leonir. *O Vale do Braço do Norte*. Orleans, edição do autor, 1973.
- DALL' ALBA, João Leonir. *Imigração italiana em Santa Catarina*. Caxias do Sul, Ed. Da Universidade de Caxias do Sul, Florianópolis, ed. Lunardelli, 1993.
- DALL' ALBA, João Leonir. (Org.) *Laguna antes de 1880: documentário*. Florianópolis, Lunardelli/UFSC, 1979.
- FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: Editora da Univalli, 2000.

- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: História e historiografia*: São Paulo: Brasiliense, 1970.
- FROTSCHER, Méri. *Da Celebração da Etnicidade Tuto- Brasileira: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau. (1929-1950)*. Florianópolis, 2003, UFSC (tese de doutorado em história).
- GERTZ, René. *O Fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- GOULARTI FILHO, Alcides. *Formação Econômica de Santa Catarina*. Florianópolis: cidade futura, 2002.
- HOBOLD, Paulo. *A história de Araranguá*; complementada e atualizada por Alexandre Rocha. Araranguá: [s. n.], 2005.
- PIAZZA, Walter F. *O Poder Legislativo Catarinense: das suas raízes aos nossos dias 1934-1984*. Florianópolis: Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.
- PIAZZA, Walter F. *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: Edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1987.
- PIAZZA, WALTER F. *A Colonização de Santa Catarina*. 3ª ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.
- RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SANTOS, Silvio Coelho. *Nova História de Santa Catarina*. 4ª ed. rer. Ampl. Florianópolis: Terceiro milênio, 1988.
- SEIXAS, Jacy, A. BRESCIANI, Maria Stella; BREPOHL, Marion (org.). *Razão e Paixão na Política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.
- SERPA, Élio C. [Et al.] Laguna e Lages: reformulações das condutas e sociabilidades na Primeira República. *Revista Catarinense de História*, nº 3, p.7-14, 1995.
- SILVA, Jose Ferreira. *História de Blumenau*. Florianópolis: Edeme, 1972.
- SIRINELLI, Jean-François. L'Históri Politique et culturelle Sciences Humaines. *Hors Série*, nº 18, sep/oct 1997.
- TEIXEIRA, José Paulo. *Os donos da cidade*. Florianópolis: Insular 1996.
- TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, Porto alegre. UFRGS, 1974.
- VETTORETTI, Amádio. *História de tubarão: das origens ao século XX*. Tubarão: INCOPEL, 1992.

VETTORRETTI, Amádio. A Colonização Italiana nos Vales do Tubarão e do Urussanga e a Colônia Grão Pará. In: PIAZZA, Walter F. *Italianos em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 2001.

ZANELATTO, João Henrique Zanelatto. *Região, Etnicidade e Política: o Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930*. Porto Alegre. PUCRS, 2007. (Tese de Doutorado em História).

ZUMBLICK, Walter Carlos. *Este meu Tubarão*. Florianópolis: IOESC, 1974.

ZUMBLICK, Walter. *Tereza Cristina: a ferrovia do carvão*. Florianópolis; ed. Da UFSC.R.F.F.S.^a,1987.

Notas

* Artigo submetido à avaliação em 01 de janeiro de 2011 e aprovado para publicação em 01 de fevereiro de 2011.

¹ Este artigo é parte de um dos capítulos de minha tese de doutorado intitulada: ZANELATTO, João Henrique. *Região, Etnicidade e Política: o Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930*. Porto Alegre. PUCRS, 2007. (Tese de Doutorado em História). Essa tese ao fazer um estudo do Integralismo buscou compreender as lutas pelo poder político em Santa Catarina e em particular no Sul Catarinense na década de 1930. Foram observados os seguintes aspectos do Integralismo no Sul Catarinense: a estruturação, as características regionais, os canais de difusão da doutrina do movimento, a composição social e étnica do Integralismo, o jogo político local e regional, a popularidade e repercussão do discurso integralista e de seus opositores, as tensões e alianças entre as diversas forças político-sociais. Ao estudar a trajetória do Integralismo no Sul Catarinense estabeleceu-se um comparativo com outras regiões, o Vale do Itajaí e o Norte do estado, visibilizando as particularidades de cada região.

² Dentre os principais estudos sobre o integralismo em Santa Catarina pode-se destacar as obras de: GERTZ, René. *O Fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: Editora da Univalli, 2000. ZANELATTO, João Henrique. *Região, Etnicidade e Política: o Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930*. Porto Alegre. PUCRS, 2007. (Tese de Doutorado em História). Os demais estudos constituem-se de artigos, monografias de especialização e de graduação e alguns fragmentos em livros, que não tratam do tema.

³ Em Santa Catarina havia o terceiro maior contingente de filiados a AIB, só perdendo para São Paulo e Bahia. Nas eleições municipais de 1936 os integralistas elegeram 8 prefeitos e 72 vereadores em todo o estado. ZANELATTO, João Henrique. *Região, Etnicidade e Política: o Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930*. Porto Alegre. PUCRS, 2007. (Tese de Doutorado em História).

⁴ Sobre o Movimento de 1930 ver: FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: História e historiografia*: São Paulo: Brasiliense, 1970. Em março de 1930, foram realizadas as eleições,

com a vitória do candidato paulista Júlio Prestes. Inconformados com o resultado das eleições, setores da Aliança Liberal aproximaram-se das lideranças do movimento tenentista e articularam uma conspiração que rapidamente se alastrou para os vários estados do país. O movimento depôs o então presidente Washington Luís, no Rio de Janeiro, e, em novembro de 1930, Getúlio Vargas foi empossado na presidência da República.

⁵ Por outro lado em nível nacional, o governo de Vargas mantinha boas relações econômicas e políticas com a Alemanha, com uma crescente simpatia ao regime nacional-socialista. Essas boas relações se estendiam também para com as colônias existentes no Brasil. Vargas procurava prestigiar pessoalmente eventos importantes dessas colônias ou enviava graduada representação. Em outros estados com a presença expressiva da imigração teuta, as relações entre o governo estadual e as colônias também eram amistosas. É o caso do Rio Grande do Sul, onde o embaixador alemão foi recebido cordialmente por Flores da Cunha em Porto Alegre. Já Aristiliano recusou-se a recebê-lo, em Florianópolis.

⁶ Essa discussão foi feita também por: BRANDALISE, Carla. *O Fascismo na Periferia Latino-Americana: O paradoxo da implantação do integralismo no Rio Grande do Sul*. UFRGS, Porto Alegre, 1992. (Dissertação de Mestrado em Ciência Política).

⁷ Sobre as motivações em nível nacional ver: TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974. Em seus estudos Hégio Trindade destaca algumas motivações para a adesão ao integralismo: o nacionalismo, corporativismo, valores espirituais, anticomunismo, valores autoritários, anti-semitismo, oposição ao sistema político vigente, desenvolvimento do país e simpatia pelos movimentos fascistas europeus.

⁸ Sobre a imigração européia e os municípios já organizados no Sul Catarinense ver: DALL'ALBA, João Leonir. *Imigração italiana em Santa Catarina*. Caxias do Sul, Ed. Da Universidade de Caxias do Sul, Florianópolis, ed. Lunardelli, 1993. BALDIN, Nelma. Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil: os venetos em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, ed. da UFSC, 1999. VETTORITTI, Amádio. *A Colonização Italiana nos Vales do Tubarão e do Urussanga e a Colônia Grão Para*. In: PIAZZA, Walter F. *Italianos em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 2001. VETTORETTI, Amádio. *História de tubarão: das origens ao século XX*. Tubarão: INCOPEL, 1992. HOBOLD, Paulo. *A história de Araranguá; complementada e atualizada por Alexandre Rocha*. Araranguá: [s. n.], 2005.

⁹ Sobre as principais famílias que detinham o poder no Sul Catarinense ver: HOBOLD, Paulo. *A história de Araranguá; complementada e atualizada por Alexandre Rocha*. Araranguá: [s. n.], 2005. SERPA, Élio C. [Et al.] *Laguna e Lages: reformulações das condutas e sociabilidades na Primeira República*. *Revista Catarinense de História*, nº 3, p. 7-14, 1995. VETTORETTI, Amádio. *História de Tubarão: das origens ao século XX*. Tubarão: INCOPEL, 1992.

¹⁰ Quanto ao poder econômico e político do Vale do Itajaí ver: GERTZ. *O Fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. GOULARTI FILHO. *Formação Econômica de Santa Catarina*. Florianópolis: cidade futura, 2002.

¹¹ Entre 1917 e 1922 foram fundadas cinco companhias carboníferas: a CBCA (Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá), a CCV (Companhia Carbonífera Urussanga S.A.), a Companhia Carbonífera Prospera S.A, a Companhia Ítalo-brasileira LTDa., e a Companhia

de Mineração Barro Branco. E na década de 1930 foram criadas outras quatro carboníferas. GOULARTI FILHO. *Formação Econômica de Santa Catarina*. Florianópolis: cidade futura, 2002, p. 88.

¹² As intervenções do governo Vargas no Vale do Itajaí visavam “colocar sobre o controle do Estado um núcleo industrial significativo construído pelos alemães”. Além disso pretendiam homogeneizar dentro dos princípios da brasilidade as práticas culturais mantidas pelos descendentes de imigrantes. CAMPOS, Cynthia Machado. *A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil*. Campinas, 1998, p. 126. (Tese de doutorado em história).

¹³ Sobre os decretos ver: Sindicato Nacional da Indústria de Extração do Carvão, 1961. e GOULARTI FILHO. *Formação Econômica de Santa Catarina*. Florianópolis: cidade futura, 2002, p. 88.

¹⁴ Sobre os resultados das eleições municipais ver: A imprensa, tubarão, 15 e 22 de março de 1936. Campinas, Araranguá, 22 de março de 1936, n.12, ano 3.